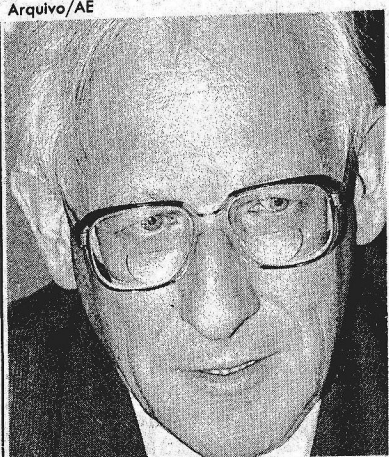


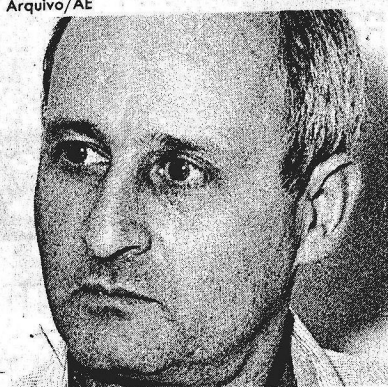
Arquivo/AE



“Já passamos o fundo do poço, mas uma retomada efetiva requer paciência.”

(Norbert Gmüer, presidente da Ciba-Geigy)

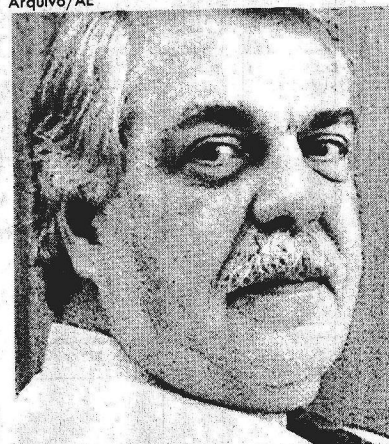
Arquivo/AE



“A recessão continua, mas não há outro caminho. Esperamos que o segundo semestre seja um pouco melhor e que a recuperação aconteça já em 93, com a reforma fiscal.”

(Abramo Mozer, diretor financeiro e de relações com o mercado do Grupo Hering)

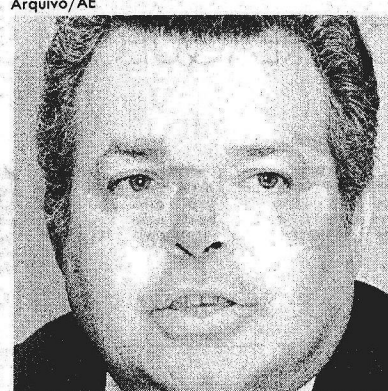
Arquivo/AE



“Retomamos a estabilidade que parecia se quebrar há 15 dias. A economia está no caminho certo.”

(Ronald Rodrigues, diretor de assuntos corporativos da Gessy-Lever)

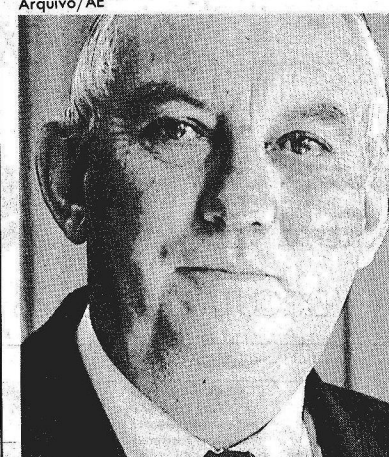
Arquivo/AE



“O cenário econômico só deve mudar dentro de dois anos, e a retomada só deve começar em 93. Mas o sacrifício feito até agora não permite que se volte atrás.”

(Emílio Odebrecht, presidente do Grupo Odebrecht)

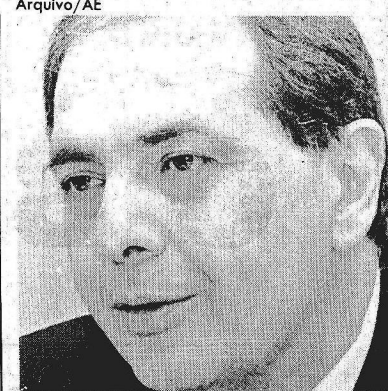
Arquivo/AE



“Estou menos otimista que no fim de 91, mas já não tão pessimista como em março e abril.”

(Ivo Frederico Reich, presidente executivo do Grupo Sadia)

Arquivo/AE



“O cenário está mais positivo, mas não se deve esperar por milagres. A recuperação pode começar em 93, se as vendas melhorarem no segundo semestre.”

(Clodoaldo Celentano, diretor de assuntos corporativos da Philip Morris e Kibon)

Empresários menos pessimistas

ELES DIZEM QUE O PIOR JÁ PASSOU MAS ACREDITAM QUE A ESTABILIZAÇÃO SÓ VIRÁ EM 93

GIOVANNA PICILLO

Os empresários estão mais do que nunca com os pés no chão. Alguns executivos de primeiro time entrevistados pelo JT demonstram confiança na reforma fiscal, na negociação da dívida com os bancos privados e na estabilização econômica. Mas o tom ainda é de cautela, e a maioria se apresenta mais como realista do que como otimista. Em geral, eles não apostam numa recuperação rápida do crescimento — para alguns, isso só ocorrerá em meados de 93. “Os empresários estão conscientes de que o momento é difícil e constataam que o mercado está menos aquecido do que deveria”, confirma o consultor Márcio Orlandi. “Mas hoje eles acreditam mais no futuro do que há dois anos.”

A seguir, as opiniões dos executivos de alguns grandes grupos:

Clodoaldo Celentano, diretor de assuntos corporativos da Philip Morris e Kibon: “O cenário está mais positivo, mas não se deve esperar por milagres. Há um nó a ser desatado — o da reforma fiscal e tributária, que deve sair, mesmo que à força. Mas até que se equilibre a receita do governo e se tenha um sistema tributário consistente, as expectativas poderão continuar oscilando — como ocorreu há 15 dias com o dólar e o ouro. Do lado dos negócios, a recuperação pode começar no início de 93, se as vendas melhorarem no segundo semestre”. A expectativa do grupo Philip Morris é faturar pouco acima dos US\$ 700 milhões de 91.

Ivo Frederico Reich, presidente-executivo do Grupo Sadia: “O poder aquisitivo do brasileiro está caindo muito e até parece que ele está comendo menos, o que nos preocupa. Os salários estão defasados e a taxa de desemprego é alta. A economia não está com fôlego para se recuperar antes do prazo de um ano. Mas a colheita de uma safra grande deu condições de baixar o preço em dólar de alguns alimentos. Se a política econômica for bem conduzida e o Brasil fechar acordo com os bancos privados, isso dará uma nova alavanca para o País. Hoje estou menos otimista do que no final de 91, mas já não estou pessimista como em março e abril”. As vendas do grupo Sadia cresceram 10% no primeiro quadrimestre, e a expectativa para este ano é faturar um pouco acima dos US\$ 1,42 bilhão de 91. A empresa tem 36 mil funcionários e está contratando mais 1.500 trabalhadores.

Emílio Odebrecht, presidente do Grupo Odebrecht: “O cenário econômico só deve mudar dentro de dois anos. Este será um ano de recessão e a retomada só começará em 93. Mas o sacrifício feito até agora não permite que se volte atrás. Temos que concluir a modernização. É preciso sanar também a crise moral, que se definiu a partir da moratória interna dos governos federal e estaduais”. O Grupo Odebrecht tem uma dívida a receber do governo de US\$ 800 milhões. Apesar da recessão e da paralisação das obras públicas, a previsão é elevar o faturamento entre US\$ 150 milhões e US\$ 200 milhões em relação aos US\$ 1,5 bilhão de 91, por causa do mercado externo — a empresa atua em 14 países.

Ronald Rodrigues, diretor de assuntos corporativos da Gessy Lever: “Retomamos o clima de estabilidade que parecia se quebrar há cerca de 15 dias, com a bolha de pessimismo. A economia está no caminho certo, mas a perda do poder aquisitivo sugere um crescimento baixo. Na melhor das hipóteses, os mercados onde atuamos crescerão 2% este ano, se crescerem. Por isso, não estamos com planos ousados de marketing e investimentos. Ainda assim, diversificamos a linha de produtos, para manter posição, e deveremos faturar mais que em 91”.

Norbert Gmüer, presidente da Ciba-Geigy: “Já passamos o fundo do poço, e em maio começou uma retomada das vendas. É uma recuperação lenta, e o negócio ainda não alcançou os níveis de maio de 91. Uma retomada efetiva requer paciência e depende mais da confiança da iniciativa privada que do ajuste fiscal do governo. Estamos investindo mais que no ano passado, pois confiamos na manutenção da política econômica e do ministro Marcílio”. A Ciba-Geigy investirá neste ano US\$ 30 milhões, construirá uma nova fábrica de aditivos em Camapari e prevê manter o faturamento de US\$ 435 milhões.

Abramo Mozer, diretor financeiro e de relações com o mercado do Grupo Hering: “A recessão continua, mas não há outros caminhos para mudar. Esperamos que o segundo semestre seja um pouco melhor e a recuperação ocorra já em 93, se for feita a reforma fiscal e dada continuidade à abertura da economia”. O Grupo Hering está elevando as exportações, o que deve garantir um aumento no seu faturamento de US\$ 250 milhões, em 91, para US\$ 280 milhões em 92.